

Referências Bibliográficas

- ERIBON, D. *Michel Foucault: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Manifesto do GIP, (*Groupe d'Informations sur les Prisons*) In: *Dits e Écrits* [DE]. Paris: Gallimard, 1994, v. 2, p. 174-5, texto n. 86.
- DITS e écrits (DE): Paris: Gallimard, 1994.
- Os Intelectuais e o Poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder* [MP]. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp. 69-78; DE, II, 306-15, no. 106.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder* [MP]. Rio de Janeiro: Graal, 1979
- _____. *La volonté de savoir*. Paris: PUF, 1975.
- _____. Ontologia do presente: direito e política. *Escritos da Revista do Departamento de Sociologia da FFLCH/USP*, n. 1, 1994.

DOR E SOFRIMENTO, PRESENCAS OU AUSÊNCIAS NA OBRA DE FOUCAULT?

Sérgio ADORNO¹

Para João Frayze-Pereira, um eterno provocador

RESUMO: Este artigo explora a presença da dor e do sofrimento no pensamento de Michel Foucault. Detém-se na questão: é possível pensar dor e sofrimento com a ausência de sujeitos, seja na condição de vítimas ou de algozes. Por fim, o artigo suscita a hipótese que, mais propriamente, não é a dor e do sofrimento no registro psicanalítico que constituem o alvo de interesse de Foucault, porém as relações entre sofrimento, sujeição e opressão.

PALAVRAS-CHAVES: Dor e sofrimento; discurso e sujeito.

Em busca de um tema, em resposta a uma provocação

Este artigo vai um pouco à moda de Foucault. Inicialmente, prometi aos editores um ensaio sobre a questão da governamentalidade², justamente o tema de que vinha me ocupando no curso de pós-graduação

¹ Professor Associado. Departamento de Sociologia, FFLCH/USP. Coordenador Adjunto do Núcleo de Estudos da Violência/USP. E-mail sadorno@usp.br.

² Ao que parece este tema foi inicialmente abordado por Michel Foucault, na aula de 1º de fevereiro de 1978, 4ª sessão, no curso do Collège de France *Sécurité, territoire et population*, em fase de publicação. Com este tema, Foucault procurava adentrar ainda mais profundamente no tema do governo. Nas obras anteriores, havia abordado o governo das condutas, das almas, o governo de si mesmo. Ao que tudo indica, pretendia agora enveredar pelo estudo do governo do Estado pelos príncipes. Em português, o texto está publicado como capítulo XVII, de *Microfísica do Poder*, (1979). Em francês, está publicado no v. 4, de *Dits et Écrits*, p. 635-657.

em Sociologia da USP no primeiro semestre de 2000.³ No entanto, estimulado por um recente debate, me inclinei a mudar a proposta originalmente acordada para tratar talvez de um tema muito pouco explorado nos escritos de Foucault, pelo menos para mim, talvez menos para outros.

Estávamos, eu, João Augusto Frayze-Pereira, Yvette Piha Lehman, na qualidade de orientadora, examinando no Instituto de Psicologia da USP uma interessantíssima dissertação de mestrado em psicologia, apresentada pelo candidato Marcos Roberto Vieira Garcia (2000). Constituíra seu objeto de estudo a iniciação sexual entre adolescentes brasileiras, empiricamente abordado de modo bastante original: a partir do exame de cartas enviadas a revistas - *Capricho* e *Carícia*, ambas publicações da Editora Abril - destinadas a públicos femininos. Através de cartas ao leitor, adolescentes procedentes de todo o país relatavam suas dúvidas, inquietações e hesitações sobretudo diante da iniciação sexual. Mas revelavam mais: além do tradicional desconhecimento, inclusive do próprio corpo - certamente não privilégio desta sociedade - compareciam ao tecido textual velhos temas ainda que revestidos sob novas formulações. Os temas do amor e do abandono, das tensões entre moralidade pública e moralidade privada, do jogo - sempre confuso - entre desejo, prazer e *ars erotica*. Sob um certo ângulo, a dissertação abordava clássicos temas folhetinescos.⁴

Mas, a dissertação avançava também em outra direção. Preocupou-se o pesquisador em deter-se no sujeito escritor, ou seja, nas

³ O curso, iniciado há mais de dez anos, intitula-se impropriamente *Legalidade e Moralidade na Construção da Ordem Social Burguesa*. Compõe o conjunto de disciplinas credenciadas do curso de Pós-Graduação de Sociologia, área de humanas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Nela, procuro introduzir o pensamento de Michel Foucault - se é que a palavra introdução faz aqui algum sentido -, estabeleço várias conexões entre temas foucaultianos com alguns temas das teorias clássicas e contemporâneas das ciências sociais e humanas (mais propriamente os diálogos com a sociologia, a história, a ciência política, a psicologia social), além de me deter, vez ou outra, em algum tema em particular. Neste semestre, cuidei de adensar a questão da governamentalidade, para a qual preparei algumas aulas, que serviriam de subsídio para o texto prometido. Mas, lidava com dificuldades, sobretudo porque: a) boas aulas, ainda que já redigidas, não resultam necessariamente em bons textos para publicação; b) a literatura sobre o tema cresceu tanto nos últimos anos, especialmente no mundo anglo-saxão, que me obrigava a um exercício de seleção, nem sempre fácil de fazê-lo. As dificuldades permaneciam em curso até recentemente, quando decidi alterar a rota de vôo.

⁴ Neste domínio, é impossível não rememorar o inesquecível *Folhetim, uma história*, de Marlyse Meyer (1996). Aliás, talvez não fosse exagerado dizer que o modelo das cartas, o modo de seleção editorial, o estilo coloquial de adolescente para adolescente (de mulher para mulher), tudo lembra aquele gênero literário que tanto inquietou nossas adolescentes desde o século passado e parece permanecer fazê-lo, através de publicações como *Capricho* e *Carícia*.

adolescentes que, embora muitas vezes anonimamente, se expunham e expunham publicamente sua vida sexual. Este enfoque sugeriu ao pesquisador inspiração no universo Foucaultiano em não poucas direções: as cartas como lugar de um discurso que problematiza a relação dos sujeitos com o sexo; o próprio sexo como um espaço de enunciação do sujeito e, por essa via, de assujeitamento e de dominação; e - antes de tudo - as falas com os seus segredos e negociações como uma forma de relações de *si para consigo*, de hermenêutica da verdade sexual. Em suma, os escritos pareciam não somente anunciar um estilo de vida emergente, porém acenavam para a estetização da vida sexual contemporânea entre nossas adolescentes missivistas. Explica-se dessa forma minha presença naquela sessão acadêmica.

Não é meu interesse deter-me aqui no relato de minha argüição, sequer meu diálogo com o candidato, concentrado em torno dos *usos e apropriações* das teses foucaultianas no tratamento analítico e explicativo do material discursivo examinado. Meu propósito aqui é outro; é ele que explica as razões deste artigo. As argüições de Frayze-Pereira são, *comme d'habitude*, inteligentes e provocativas, além de muito bem articuladas. Seria aqui um abuso de confiança (inclusive de memória) reproduzir o belíssimo texto de que ele se valeu na exposição de seus comentários. Mas, resumo da ópera, Frayze-Pereira cobrava do pesquisador, candidato à obtenção do título acadêmico, a completa ausência de análise de uma questão que perpassava a grande maioria dos temas versados nas cartas: a presença insistente da dor e do sofrimento. Não havia missiva em que a questão, qualquer que fosse o tema abordado, não comparecesse. As missivas pululavam de dor e sofrimento. Em decorrência, argumentava Frayze-Pereira, Foucault e sua obra pareciam-lhe inadequados como sustentação teórica da dissertação. E por que? Porque em Foucault não há dor, não há sofrimento. Foucault expulsou a dor e o sofrimento de suas análises.

Não é preciso dizer que uma afirmação desta ordem me causou arrepios d'alma. Não porque o argüidor estivesse, *ad principium*, equivocado. Longe de mim, tamanho julgamento apressado. Frayze-Pereira instigara-me uma imensa inquietude. Como Foucault, um filósofo francês, herdeiro da tradição iluminista (e mais do que isto, jacobinista) que vincula militância política à militância intelectual, pudesse ser insensível à dor e ao sofrimento?

Como o criador do GIP (Groupe d'Information sur les Prisons)⁵ defensor de direitos humanos⁶ contra as atrocidades dos regimes ditatoriais e autoritários pudesse ter dado as costas ao sofrimento dos homens em situação de opressão e dominação? Como um intelectual que, no início de sua *carreira profissional*, havia trabalhado em hospitais e enfrentado a morbidez cotidiana com o seu desespero habitual pudesse ter esquecido da dor? Como um intelectual que sempre se colocara publicamente contra toda sorte de opressões, viessem de onde viessem, não importando contra quem se dirigissem, desde as evidentes opressões dos campos de concentração e da guerra até às mais recônditas que se escondiam sob fogões e pareciam se apaziguar sob travesseiros no pacificado quarto do casal pudesse ter desprezado o sofrimento? Enfim, como um pensador com toda essa experiência conseguiu expulsar a dor e o sofrimento de suas análises? Não parece um contra-senso? Seria uma contradição no interior de sua obra? Um desvio entre seu pensamento e suas práticas políticas? Ou, mais duramente ainda, um receio de falar sobre um terreno no qual se movia com certa cautela e mesmo estupor: a psicanálise?

Este ensaio trata justamente de pensar o lugar - se é que ele existe - da dor e do sofrimento no pensamento de Foucault. Não se trata de um trabalho exaustivo, fruto de uma compulsão de textos, de uma tentativa (sempre perigosa em Foucault) de percorrer-lhe a exegese de seus escritos. Optei pela forma ensaio onde procuro condensar uma reflexão a respeito, em esforço por pensar, mais à frente, este tema com maior densidade.

O texto divide-se em três sessões. Na primeira, procuro identificar algumas passagens - a maior parte delas já bastante conhecidas do leitor familiarizado com este autor - nas quais Foucault explicitamente trata da dor. A sessão seguinte explora uma questão, tão provocativa quanto à proposta por Frayze-Pereira: é possível falar em dor e sofrimento anônimos? Em dor e sofrimento sem a menção ao sujeito? Não tenho respostas claras para esta instigante questão, somente algumas pistas que talvez tenham, lá

⁵ Com um opúsculo de 48 páginas, intitulado *Involérable*, formaliza-se, em maio de 1971, a criação do GIP, nascido por iniciativa de Michel Foucault e que contou com a presença de outros intelectuais de prestígio como Pierre Vidal-Nequet. Para um conhecimento do texto inaugural, no qual se afirma "Nenhum de nós está livre da prisão. Hoje menos do que nunca", ver Eribon (1989, p. 208).

⁶ Ver a respeito o breve, porém instigante artigo de M. Foucault: *Face aux gouvernements, les droits de l'homme*. Publicado originalmente em *Libération*, 967, 30 juin-1er. Juillet, 1984, p.22. In: *Dits et écrits*, v. 4, p.707-708.

no fundo de meu sofrimento/inquietação, uma vingança mesquinha: a de devolver a Frayze-Pereira o problema que ele nos colocou às mãos. Por fim, cuido, na terceira e última sessão, de apresentar uma sugestão *conciliatória* por assim dizer. Busco formular, na melhor das hipóteses, uma hipótese: é impossível dissociar, em Foucault, dor e sofrimento de opressão e assujeitamento, a despeito dos "corpos dóceis" de que Foucault nos fala em *Vigiar e Punir* (1975).

Cautelas

Antes, de iniciar propriamente a reflexão, gostaria ainda de insistir em algumas cautelas. Frayze-Pereira certamente tocou num dos nó-górdios do problema proposto: a relação de Foucault com a Psicanálise, o lugar e estatuto desta disciplina na arquitetura da obra foucaultiana e sobretudo o diálogo do filósofo com seus titãs: Freud e Lacan. Trata-se de um assunto razoavelmente tratado pela literatura especializada e por inúmeros comentaristas. Seria demais listá-los aqui ao risco de esquecimentos, mesmo acidentais.⁷ De qualquer forma, reporto-me à análise de Jacques-Alain Miller (1989). Seja o que for, parece-me um assunto inesgotado e mesmo inesgotável. Não o abordarei, ainda que isto possa ser considerado uma séria limitação, neste ensaio. Minha formação em psicanálise e as leituras que fiz dos textos de Foucault neste domínio não me autorizam a penetrar seara tão complexa, sobre a qual, afirma Maurice Blanchot (1986) "Foucault, la psychanalyse ne l'a jamais passionné". Não obstante, Miller (1989) sublinha que a psicanálise atravessa o coração de um dos temas que mais seduziram Foucault: o tema da sexualidade, justamente o que motivara este *artigo/inquietação*.

Uma segunda cautela: evitarei o tanto quanto possível discussões conceituais ou o eventual diálogo de Foucault com os *legionários intelectuais* da dor e do sofrimento. Qual a eventual relação dos escritos de Foucault com os escritos de H. Arendt, Primo Levi, Benjamin, Adorno e Horkheimer e tantos outros que se debruçaram sobre os horrores do holocausto? Nunca é demais lembrar que, em *Vigiar e Punir* (1975), Foucault afirma que o campo de concentração nazi é a forma mais acabada do

⁷ No Brasil, o assunto foi tratado, entre outros por Chaves, 1988.

funcionamento contemporâneo das disciplinas. Deixarei de lado esta reflexão, não porque ela pareça descabida ou dotada de pouca importância. Foucault, contemporâneo de todos eles, soube bem *apropriar-se* à sua moda das questões que compunham sua contemporaneidade, inclusive o inventário da guerra, com seus mortos e suas histórias sem fim. Não sem razão, o tema do racismo, objeto de um de seus mais notáveis cursos (Foucault, 1975, 1976), foi certamente inspirado no auge das discussões sobre a guerra e suas motivações raciais. Deixarei de lado justamente porque respondê-las requer pesquisa detida, para além do que me proponho neste momento. No mesmo sentido, esbarrarei em questões conceituais. Quando muito, apontá-las-ei em notas de páginas, sem a preocupação de dirimi-las (pelo menos neste estágio do ensaio).

Finalmente, minha última cautela tem a ver com minha insistência em deslocar o tema da governamentalidade para o tema da dor e do sofrimento. A forma mais óbvia de justificar as razões do deslocamento seria a de assumir os mesmos argumentos que Foucault adotara quando trouxe à luz os volumes II e III (O uso dos prazeres; e o cuidado de si) de *A História da Sexualidade* (1984c, 1984d). Bastaria simplesmente reportar-me às páginas iniciais do volume II e encerrar este assunto de vez. Sem pretender *colar* a originalidade e a inventividade do pensador francês, preferi recorrer a argumentos mais *baixos*, talvez mais ligados ao *bas-fond* de nosso cotidiano acadêmico: por um lado, como já dissera, estava enfrentando dificuldades pessoais em transformar aulas em texto; por outro, encontrei, neste momento, no tema da dor e do sofrimento uma forma de abordar nossa atualidade, no sentido foucaultiano, talvez com um pouco maior êxito do que se o fizesse com o outro tema. O tema da dor e do sofrimento diz tanto do sujeito e de sua vida cotidiana, das relações que estabelece entre códigos normativos, formas de subjetividade e cultura e poder, dilemas de nossa contemporaneidade, talvez de modo mais explicitamente sensível do que gostaria de havê-lo feito com o tema da governamentalidade, certamente bastante espinhoso. Se nenhum argumento é suficiente, gostaria por fim apenas de poder gozar do direito à dúvida.

Convém ainda um último reparo. Optei por citar as obras de Foucault, no corpo do texto, com as datas originais de publicações porque assim, segundo me parece, contextualizam melhor o momento em que

determinadas questões estão sendo formuladas. Nas referências bibliográficas procurarei fazer as necessárias correspondências, sempre que for necessário.

O espetáculo punitivo

Não há como deixar de começar pela mais evidente manifestação de dor e sofrimento contida na obra de Foucault. A cena do esquartejamento de Damiens, espetáculo punitivo capital que serve, por assim dizer, de ouverture da ópera que se segue. À primeira vista, nutrido por uma forte motivação *cientificista*, o esquartejamento é descrito com a mais absoluta *isenção* (como se pudesse sê-lo) a partir do documento que restou à história. Tudo sugere dor e sofrimento; mas a dor e sofrimento aludidas no documento parecem contidas em um recato digno de uma salão de chá inglês. Damiens foi atazanado nos mamilos, braços, coxas, barrigas das pernas; nestas partes, aplicaram-se chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente. Em seguida, o corpo foi puxado e desmembrado por quatro cavalos. Seus membros consumidos pelo fogo, reduzidos a cinzas, finalmente lançadas ao ar (Foucault, 1975).⁸ O resto do texto é, como se sabe, um detalhamento da execução, intermediada pelos gritos de dor e de blasfêmia do supliciado. O texto termina com tão curiosa quanto hilária situação. Após a redução do corpo a cinza, afirma-se:

alguns pretendem tirar conclusões do fato de um cão se haver deitado no dia seguinte no lugar onde fora levantada a fogueira, voltando cada vez que era enxotado. Mas não é difícil compreender que esse animal achasse o lugar mais quente do que o outro. (Foucault, 1975, p. 12)

Foucault não se detém na dor e sofrimento em si. Limita-se a descrevê-lo, como que querendo reafirmar a pecha de *positivista feliz* de que se impôs no debate com seus detratores. A dor não parece causar-lhe horror, apenas a seus leitores. O esquartejamento é tratado como um fato corriqueiro nos espetáculos punitivos do século XVIII. Por que censurá-los, se estavam

⁸ Curiosamente, esta cena de lançar as cinzas ao ar até parece poética face às atrocidades que a precederam. Faz lembrar cena do maravilhoso filme de Felline *E la nave va*, quando as cinzas da cantora de ópera (clara alusão à Callas, uma norte-americana de origem grega, que sofreu ao longo de sua curta vida de artista e de mulher passional) são lançadas ao mar, a seu pedido. Estranha proximidade entre a dor de Damiens e a dor da cantora. Tanto num, como noutro caso, a dor cessa com a evaporação das cinzas.

como que naturalizados quer pelas autoridades encarregadas de vingar o poder régio ultrajado, quer pelos súditos convocados para presenciar o espetáculo público de suplício? Houve mesmo quem, em debate, sugerira que a descrição era de mau gosto, parecia que Foucault se insensibilizara completamente com os oprimidos, que tinha, para com o sofrimento e a dor - e, neste caso, dor e sofrimento lidos como tortura física que leva à morte - uma certa complacência, um certo sorriso tolerante como se isso fosse a ordem dos acontecimentos, o curso histórico inevitável de uma sociedade desigual, hierarquizada, fundada nos privilégios e na apropriação do poder como forma exclusiva de dominação de uma classe sobre a outra.

Não creio que essa leitura se sustente. Inclino-me mais ao *positivista feliz*, que se conduz racionalmente, para não dizer cartesianamente, na descrição minudente de seu objeto. De fato, o que parece estar concentrando a atenção de Foucault, naquela descrição, não é a dor e o sofrimento do supliciado. Não se tratava, evidentemente, de adotar uma postura *humanista* diante de tanta brutalidade *incivilizatória*. Não se cuidava de condenar a tortura e o sofrimento, nos termos que nossas sociedades modernas se habituaram a fazê-lo. Há, no entanto, que se chamar a atenção para pequenos detalhes. Em primeiro lugar, ao contrário do que, não raro, acontece nos relatos modernos - mesmo após o holocausto e após tantas outras graves violações de direitos humanos contemporâneas - não havia naquelas sociedades tradicionais que condenam o corpo dos condenados ao banimento do mundo dos vivos qualquer pudor em relatar suas atrocidades. A dor e o sofrimento não escondem suas caras. Em nossos textos contemporâneos, a despeito de toda a tecnologia desenvolvida, nossas imagens aludem, mas não mostram. Sugerem, mas não detalham. Escondem sua vergonha. A sociedade onde Damiens foi esquartejado não primava de fato pelo pudor, aqui simbolizado por um cão, esse ser servil ao homem, que teimava em permanecer justo no lugar abjeto, aquele que retinha o calor dos infernos. Portanto, se de fato, Foucault não pretendeu julgar a dor e o sofrimento não foi por insensibilidade, mas pelo *cuidado com a verdade*, algo que já se delineava desde a ouverture de *Vigiar e Punir*.⁹

⁹ Não por acaso, é possível ler *Vigiar e Punir* como o enredo de uma ópera, cujo tema principal começa (veja bem, começa, mas não termina) ao ser anunciado na ouverture. Não sem motivos a amizade de Foucault com o grande regente e compositor Pierre Boulez.

Bem, todos que leram *Vigiar e Punir* (1975) sabem qual a funcionalidade do texto inicial no conjunto da tese a ser defendida neste livro. Tratava-se, após a exposição deste texto (e de um pequeno texto sobre a distribuição dos horários de atividades da *Casa dos jovens detentos em Paris*) de anunciar mudanças no espetáculo punitivo, nos meios e modos de manipular o corpo na emergente sociedade moderna européia. Pretendiam-se mudanças na legislação de controle social, propostas pela reforma iluminista dos códigos e de toda a legislação penal, na era pós-revolucionária. Todavia, para além das mutações formais no direito e nas formas de controle social edificadas em torno do poder soberano, cuidava-se de instituir uma nova economia punitiva que evitasse os inconvenientes da punição arbitrária e que investisse sobre o corpo, não mais para supliciá-lo, mas para adestrá-lo, para exercitá-lo, para retirar-lhe o máximo de forças e reduzir-lhe a capacidade de revolta e resistência. Procurava-se fabricar *corpos dóceis*.

Não cabe aqui repetir o que já está cantado e decantado nessa obra. Convém apenas ressaltar que, na passagem do final do século XVIII, pós-revolucionário, para o século XIX liberal, transitou-se do espetáculo punitivo para a era ortopédica das disciplinas. No entanto, ao contrário do que muitos procuraram interpretar, essa transição não significou o fim do espetáculo punitivo, mas sim sua *retração*. Foucault a esse respeito é sutil. A dor e o sofrimento não desaparecem, retraem. Mas, para onde? Para dentro das prisões e dos espaços de enclausuramento onde as disciplinas encontram, à primeira vista, seu habitat natural. Se o modelo normativo, constituído ao redor das disciplinas, alojou-se, pelas razões explicitadas em *Vigiar e Punir* (1975), em torno da prisão, a prisão não abdicou de suas tradicionais funções punitivas entre as quais a de fabricar a dor e o sofrimento. Algumas delas são como que *clássicas*: o isolamento, o silêncio, os pequenos espancamentos cotidianos, o violento assédio sexual, a contaminação de toda sorte, as ameaças de delação, os deslocamentos arbitrários de celas e de estabelecimentos penitenciários etc. A prisão moderna, a prisão da era disciplinar, convive e muito bem com tudo isso, como aliás o próprio Foucault demonstrou em *Vigiar e Punir* (1975).

Mas, há, ainda nesta mesma obra, outras formas mais insidiosas de dor e sofrimento, porque aparentemente imperceptíveis. É na magistral análise do panoptismo que Foucault coloca a dor e o sofrimento no centro de *Vigiar e Punir* (1975). É justamente este maquinismo infernal de

ver e ser visto que torna todo ato, em princípio, objeto de dor. Martin Jay (1988) em ensaio primoroso sugere o quanto a questão do olhar é central na arquitetura da obra foucaultiana. Ela está presente sobretudo no *Nascimento da Clínica* (1963) e em *Vigiar e Punir* (1975). No *Nascimento da Clínica* (1963), Foucault afirma: "O olho torna-se o depositário e a fonte de clareza; tem o poder de trazer à luz uma verdade que ele só recebe à medida que lhe deu à luz; abrindo-se, abre a verdade de uma primeira abertura: flexão que marca, a partir do mundo da clareza clássica, a passagem do 'Iluminismo' para o século XIX" (1963, p. 9). E, mais adiante, continua: "O olhar não é mais redutor, mas fundador do indivíduo em sua qualidade irreduzível. E, assim, torna-se possível organizar em torno dele uma linguagem racional." (1963, p. 10).

Em *Vigiar e Punir* (1975), no capítulo sob o panoptismo, as passagens são ainda mais contundentes: "A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda a parte" (p. 173).

... Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos - isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (Foucault, 1975, p.174-175)

Martin Jay (1988) chama a atenção para a tradição da filosofia francesa, desde Descartes, a qual colocava a ótica no centro da reflexão filosófica. O olhar ilumina, esclarece, estabelece ordem onde a escuridão parece fazer predominar o caos. Daí as proximidades entre iluminismo e esclarecimento, entre iluminismo e racionalismo. A geração pré e contemporânea de Foucault, compreendessem filósofos, escritores ou artistas plásticos, desde o pós-guerra começa a rebelar-se contra esse ocularcentrismo da filosofia francesa. Eles tenderam a deslocar a ótica de seu espaço soberano. Foucault radicaliza esse projeto. O olhar esclarece e ilumina; porém, ao fazê-lo, ao estabelecer campos de luminosidade e de visibilidade, antes domina seus objetos, do que os liberta; antes estabelece uma relação de controle do que institui uma autonomia.

Se, é assim, o panoptico, este magnífico diagrama-dispositivo de vigilância e controle que olha, sem ser visto; que vigia, sem se mostrar; que colabora para colocar cada um em seu lugar, para discipliná-los, ordená-los, fixá-los etc. só pode ser uma máquina imensa de fabricar sofrimento e dor. Quem, a todo tempo se sente vigiado sem poder identificar a origem e o local da vigília somente pode suportar o sofrimento de ser um, sem ser ninguém. O panoptico anula o outro; ao iluminar dilui completamente a possibilidade de qualquer alteridade possível. Pode-se denunciar aqui a ausência de sofrimento, a expulsão da dor? O próprio Frayze-Pereira em artigo publicado por ocasião do Colóquio Foucault (1995), ao comentar Martin Jay e Raichman sobre a questão do olhar em Foucault, não deixou de destacar passagens em *História da Loucura* (1961) em que Foucault põe em evidência o sofrimento e a dor da loucura ao descrever as agruras do espaço asilar.

Em suma, *Vigiar e Punir* (1975) trata também da dor e do sofrimento, porém o faz de modo completamente inesperado, algo que pretendo avançar mais à frente. Muitas outras passagens dessa obra poderiam ainda ser convocadas para ilustrar outras formas de sofrimento, não centradas no indivíduo, mas nos populações.¹⁰ Gostaria aqui de mencionar apenas duas, ainda que me poupe de maiores desdobramentos. Uma diz respeito aos ilegalismos. A análise dos ilegalismos é outro dos eixos centrais desta obra. É nela que podemos encontrar um curioso Foucault. O Foucault sociológico. Mas, bem entendido, uma sociologia sem sociologismos. De fato, sem jamais pretender ser determinista e atribuir à mudança dos ilegalismos as razões que explicitaram a passagem da reforma humanista para a era ortopédica das disciplinas - ou, ainda mais grosseiramente, explicitam a transição da velha ordem para a ordem burguesa-capitalista -, o que está em jogo nesta análise é algo de outra paleta, onde fica patente todo o refinamento metodológico do *modelo genealógico*. Os novos ilegalismos indicam uma ruptura, apontam o

¹⁰ A idéia de população, distinguindo-se da idéia foucaultiana de indivíduo, também se presta a longas e demoradas reflexões. Não é aqui o caso de nelas deter-me. Reporto-me sobretudo ao tratamento do tema da bio-política ou do bio-poder, já anunciado, ainda que de modo bastante embrionário, desde *O Nascimento da Clínica* (1963), presente em *Vigiar e Punir* (1975) e finalmente anunciado em *A Vontade de Saber*, v. 1 de sua *História da Sexualidade* (1976).

aparecimento (e por que não dizer formalização) de novas relações de forças entre classes sociais, mais propriamente entre as classes populares e os outros agrupamentos de classe.¹¹

Como mostra Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), até fins do século XVIII, havia uma certa tolerância para com os ilegalismos das classes populares, na medida em que tais práticas - rapinas, pilhagens, roubos de mercadorias - perturbavam a economia dos proprietários fundiários e, em certo sentido, favoreciam os interesses do mercado capitalista burguês. Vinte e cinco anos mais tarde, mudam os ilegalismos. Da pilhagem de mercadorias, cujo montante representavam extração de impostos a favor das classes fundiárias, passa-se ao roubo de máquinas e de equipamentos, ofensas contra essa nova forma em que a riqueza vinha se conformando sob o controle dos comerciantes e industriais. A tolerância converte-se em intolerância; a impunidade das classes populares enseja rígida criminalização do comportamento desviante, mais propriamente de tudo aquilo que vinha de baixo. Ora, há aqui a descrição de uma forma violenta e rápida de destituição de um "direito" anteriormente adquirido pelas classes populares. Aqui, o sofrimento é sentido como perda; a dor como encarceramento possível.

Na mesma direção, vamos encontrar sofrimento quando às classes populares é interdito o direito de cantar livremente seus heróicos feitos - seus ilegalismos - contra o poder dos poderosos. Até o século XVIII, os folhetins franceses estavam povoados desses heróis bandidos - como Mandrin - que faziam de suas canções populares verdadeiros rituais de elogio de seu poder delinqüente contra o poder dos poderosos, aqueles que controlavam a propriedade fundiária da terra e monopolizavam o prestígio social. Com a mudança nos ilegalismos, de que se seguiu toda uma codificação rigorosa e minudente de uma série de práticas ilegais, retira-se das classes populares o direito de comparecer aos folhetins como herói-bandidos. Esses, agora, como Lacenaire, provêm das classes abastadas, educadas, suficientemente preparadas para cometer crimes sem serem punidos. Por que?

¹¹ Certamente, uma das mais inspirações desta análise de Foucault provém do 18 Brumário de Louis Bonaparte, obra à qual Foucault dizia preferir ao *Capital*. No 18 Brumário, Foucault identificava uma Marx preocupado com as lutas concretas, com o enfrentamento de forças, com o jogo permanente de uma classes sobre as outras constituindo o tecido social. Ver, a respeito, *Questions à Michel Foucault sur la géographie. Hérodote*, 1: 71-85, 1976. In: *Dits et Écrits*, v. 3, p. 28-40. No Brasil, constitui o cap. 10, de *Microfísica do Poder* (1979).

Por que o crime se tornara algo tão complexo, tão sofisticado que somente indivíduos tão bem preparados eram capazes de executá-los e confundirem o sistema oficial de justiça. Em suma, confiscou-se também das classes populares o direito de aparecer, nos veículos populares, como capazes de inteligência e sagacidade. Impôs-se-lhes silêncio, o sofrimento coletivo da incapacidade de poder dizer e portanto de poder agir.

Bem, poderia continuar passeando por outras passagens de Foucault em várias de suas outras obras. Não vou fazê-lo, pois penso que as sugestões iniciais já servem como pista para a reflexão que se segue. No entanto, mesmo assim, gostaria de transcrever célebre passagem d' *A Vontade de Saber*; da *História da Sexualidade* (1976, v. 1):

Referindo-se aos propósitos desta obra, afirma:

Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente, de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar. Gostaria de passar em revista não somente esses discursos, mais ainda a vontade que os conduz e a intenção estratégica que os sustenta. A questão que gostaria de colocar não é por que dizemos com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos? Através de que hipérbole conseguimos chegar a afirmar que o sexo é negado, a mostrar ostensivamente que o escondemos, a dizer que o calamos - e isso formulando-o através de palavras explícitas, procurando mostrá-lo em sua realidade mais crua, afirmando-o da positividade de seu poder e de seus efeitos? (p. 14)

Afinal, que sociedade é essa que se fustiga, há longo tempo, por sua dor e por seu sofrimento? De que sofrimento e dor se trata?

Sofrimento anônimo, dor sem sujeito

Penso que os argumentos acima arrolados, ainda que sujeitos a um tratamento mais refinado, resgatam, uma vez mais, a presença do tema da dor e do sofrimento na obra e no pensamento de Foucault. Mais do que isto, Foucault não teria expulsado a dor e o sofrimento de suas análises, embora ter-lhes-ia atribuído um estatuto muito peculiar. Gostaria, inicialmente, de indicar a imensa provocação que se encontra no texto d' *A*

Vontade de Saber (1976). Trata-se de um texto que em muito lembra a linguagem psicanalítica. A sociedade moderna estaria no divã foucaultiano, num jogo entre consciente e inconsciente: de um lado, se diz vítima de um sexo reprimido; de outro, fala de seu sexo com tamanha liberalidade que mal parece reprimida. Disto resultaria o sofrimento e a dor: do conflito entre a exterioridade das formas de vida social e da interioridade da existência subjetiva. Ora, nada mais *anti-foucaultiano* do que esta tentativa de leitura.

O que Foucault quer por em evidência é a idéia de problematização. A sociedade moderna é aquela que justamente coloca o sexo em discurso, que constitui em torno dele uma rede infundável de discursos, práticas e instituições (de diversas natureza, origem e alcance) para constituir em torno de si uma preocupação discursiva para com o sexo, ou melhor, para com a sexualidade, ou ainda melhor, para com o sujeito do desejo. Esse sujeito do desejo que sofre porque é reprimido, mas que é incitado a contar tudo sobre seu sofrimento repressivo cuja dor é potencializada pelo detalhamento com que descreve e escancara sua sexualidade.

Bem, estamos, portanto, diante de um problema teórico delicadíssimo. É possível falar de um sujeito desejante, sem dor ou sofrimento? Bem, a psicanálise pode ter respondido de diversos modos a esta questão. Não tenho competência para repertoriar as respostas, seus impasses e seus alcances. No entanto, quero inverter a questão. É possível falar de dor e sofrimento sem um sujeito que os suporte? É possível falar em sofrimento anônimo e em dor sem sujeito?

Aqui talvez conviesse uma rápida digressão, mesmo às custas de simplificar problema tão complexo. O tema da crítica do sujeito sempre foi um grande divisor de águas entre Foucault e os filósofos que lhe foram contemporâneos. Tema certamente difícil, tratado com aridez em *As Palavras e as Coisas* (1966), quase sempre mal compreendido sobretudo quando Foucault, por assim dizer, decreta a morte do sujeito. Não cuido aqui de reconstruir todos os passos teóricos que levaram Foucault à desconstrução do sujeito, não apenas nessa obra como em várias outras. Trata-se de uma operação complexa, consumiria páginas e páginas de demonstração e – o pior – pouco poderia acrescentar ao que já se sabe e ao que sabiamente comentaram sejam seus defensores, sejam seus detratores. O objeto é de fato polêmico e o melhor, que neste curto espaço se pode fazer, é reportar-se

a algumas referências bibliográficas que melhor mapeiam os termos da questão e, mais do que isto, singularizam sua originalidade e o contexto em que o debate emergiu (Foucault, 1966a, 1966b, 1966c, 1968).¹²

De minha parte, sigo convencido que nisto reside uma das maiores incompreensões da obra de Foucault, algumas das quais mesmo até intencionais. Não são poucos, os mal entendidos, inclusive seu suposto retorno e reaproximação do kantismo ao final de sua vida em 1984, como quis ver Habermas (1988), ou o seu efetivo reconhecimento do sujeito do conhecimento, em seus ensaios finais, quando retoma a questão do iluminismo (1983 e 1984), um objeto aliás nunca abandonado.¹³ Acredito que Foucault buscava, naquele momento em que escreveu *As Palavras e as Coisas* (1966), perturbar o sólido edifício intelectual e de saber constituído desde mais um século às voltas dos axiomas e princípios kantianos do conhecimento, em especial a centralidade da razão em sua arquitetura argumentativa e o lugar do homem – esse ser universal – como sede desse atributo *natural*. Foucault apontava para o acontecimento morte do sujeito transcendental, aquele que aparecia no discurso como seu próprio duplo: sujeito que produz conhecimento; e objeto mesmo do conhecimento. Foucault denunciava a circularidade deste sujeito que atravessava a si mesmo, como a um deus apocalíptico: tudo nasce no homem, tudo passa pelo homem, tudo remete ao homem. Qual seria então o papel da razão e de seus interlocutores – filósofos, historiadores, sociólogos -, esses arautos da verdade? O de fazer o homem encontrar-se com o próprio homem, o de fazer com que a essência obscurecia pela ignorância pudesse ser dissipada pelo próprio homem em seu afã racional de voltar-se reflexivamente sobre si.

¹² Ao debate, haveria que se acrescentar também as seguintes referências: Le Blanc, 1993; Dreyfus et Rabinow, 1984 e 1986; Ganguilhem, 1994; Owen, 1994; Gutting, 1989; Colombel, 1990. No Brasil, o assunto foi tratado sobretudo em: Machado, 1988; Fonseca (1994); Ternes (1995).

¹³ Ao contrário do que se possa pensar é recorrente a presença de Kant na obra de Foucault. Em 1961, referências aparecem à *História da Loucura*. A tese complementar foi justamente sobre a antropologia de Kant. Em *As Palavras e as Coisas* (1966), o kantismo não é interpretado como um acontecimento filosófico, porém arqueológico. Em 1979, o assunto retorna ao prefácio que escreveu para o livro de Jean Daniel, editor do *Nouvel Observateur*, *A Era das Rupturas*. O Prefácio foi publicado com o título *Por une morale de l'inconfort. Le Nouvel Observateur*, n. 754, p. 23-29, avr. 1979. In *Dits et Écrits*, v. 3, p. 783-787. Logo no ano seguinte, ao escrever o prefácio à edição inglesa do Livro de G. Ganguilhem, *The normal and the Pathological*. Publicado em francês como *La vie, l'expérience et la science. Revue de Méthaphisique et de Morale*, v. 90, n. 1, p. 3-14, jan./mars, 1985. In: *Dits et Écrits*, v. 4, p. 763-776.

Foi contra essa quimera que Foucault decretou a morte. Não porque ela estivesse por ocorrer, mas porque o homem assim o estava condenado desde seu nascimento. Em *As Palavras e as Coisas* (1966) há, portanto, a mais contundente expressão de dor e sofrimento: o do sujeito na sua eterna busca infindável da verdade, na sua eterna perquirição para dissipar a aparência e imergir na essência de seu ser, na sua eterna epopéia por vencer o conhecimento de si, dominar a si e libertar finalmente o destino trágico do qual parecia jamais desvencilhar-se. A salvação do homem pela razão aparecia então como a única possibilidade de transformar o trágico do homem em artifício de sua própria comédia. Retorno da ópera novamente?

Com *As palavras e as Coisas* (1966) e o que se seguiu, Foucault teria pretendido – e mais do que isto – logrado libertar o homem de seu eterno sofrimento a que se havia condenado, talvez por seu pecado original, o de ser homem humano. Bem, é muito difícil, pelo momento, tentar enveredar por esse caminho. Detenho-me em território menos movediço. Ao decretar a morte do sujeito transcendental, herdeiro de uma certa tradição kantiana,¹⁴ Foucault estava, ao que tudo indica, colocando em causa uma certa leitura da subjetividade humana. Talvez aqui se explique o mal estar para com os filósofos. O que estava em discussão não era propriamente a existência ou não de um sujeito do conhecimento, mas as operações de subjetividade que esse sujeito ocupava no interior de um campo de forças e de saber. Por isso, faz sentido tentar deslocar a discussão do campo do sujeito para o campo da subjetividade. É ela que me introduz a possibilidade de pensar algo como um sofrimento anônimo ou uma dor *sem sujeito*.

Em parte, nossa subjetividade moderna está presa à noção de autor. Em duas oportunidades Foucault abordou a questão. Ao que tudo indica, a primeira vez em um ensaio primoroso, publicado no *Bulletin de la Société Française de Philosophie* (julho/setembro de 1969), depois um pouco modificado para uma conferência na Universidade de Buffalo, Estado de Nova Iorque (EUA), em 1970. A segunda menção encontra-se em sua lição inaugural no Collège de France, pronunciada em dezembro de 1970, intitulada

¹⁴ Veja bem. Como se procurou mostrar em nota anterior, não se trata aqui de uma recusa, per si, do pensamento de Kant. Há várias menções, algumas explícitas, outras menos, ao longo de toda a obra de Foucault a Kant. Foucault parecia gostar menos do Kant das obras robustas do que do Kant polemista, escritor de artigos para imprensa. Enfim, de um Kant *marginal*.

A Ordem do Discurso. Em ambos textos, Foucault sustenta a tese de que o autor é um efeito do discurso. Em ambos, a idéia de autor está vinculada ao tema do sujeito fundador. A lição inaugural, mais concisa no tratamento do tema, remete a questão do autor a um dos procedimentos de controle e de delimitação do discurso. No ensaio, *O que é um autor* (1969), o tema é explorado com maior densidade, a despeito das advertências iniciais do próprio Foucault de que se tratava de reflexões preliminares. Vou me deter nesta versão.

Convém, desde logo, sublinhar duas advertências propostas por Foucault ao anunciar seus temas aos presentes naquela sessão da *Société Française de Philosophie*. Em primeiro lugar, a escolha do tema tinha a ver com algumas críticas que recebera após a publicação de *As Palavras e as Coisas* (1966). Ele reconhecia que havia cometido algumas imprudências e que era chegado o momento de, senão evitá-las, ao menos buscar explicitá-las. Tudo parecia girar em torno da seguinte questão: *As Palavras e as Coisas* (1963) falava em “história da riqueza”, “história natural”, em “economia política” mas pouco ou quase nada se referia a obras e a seus autores. Mesmo quando mencionava nomes - Buffon, Curvier - eram quase acidentes da escrita, antes do que referências históricas para compreensão dos percursos do saber ocidental. Essa uma das razões pela qual convinha, agora, refletir sobre a personagem senão ausente, quase sempre desprezada - o autor. A segunda advertência vai de par à primeira, conquanto seja de outra ordem e natureza. Foucault não se propunha, naquela conferência na *Société Française de Philosophie*, uma análise histórico-sociológica da personagem do autor, por isto entendido “como o autor se individualizou em uma cultura como a nossa, que estatuto lhe foi atribuído, ...” (1984, v. 1, p.792).¹⁵

Feitas estas ressalvas, ele parte de algumas questões emprestadas de Samuel Beckett: “que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala”. Esse ponto de partida parece ter sido o grande *leitmotiv* do texto. Tudo sempre retorna a ele. Infelizmente, não vou me apegar a uma análise de texto com o receio de afastar-me demasiado de minha questão, a que supõe a possibilidade de um sofrimento sem autor.

¹⁵ Ao que tudo indica, não há, nesta passagem, qualquer censura no sentido de que não devesse ou não pudesse fazê-lo. De certo, não era o caso de ocupar-se desta perspectiva, como o ensaio largamente mostrará. O texto aqui mencionado foi extraído de *Dits et Écrits*, v. I.

Se for possível resumir esse ensaio foucaultiano, sem empobrecê-lo (o que é, sem dúvida, uma quimera), diria que o trabalho filosófico empreendido foi justamente o de desconstruir a figura do autor como suporte do sujeito do conhecimento. De fato, ao longo do ensaio, o filósofo francês sugere (talvez mais do que o demonstre) os mecanismos através dos quais, em nossa cultura ocidental moderna, mais propriamente no texto literário e científico - autor, escrita e obra adquiram a função primordial de fazer circular a verdade estabelecida em determinada época, em um campo discursivo determinado. O autor é justamente o eixo que articula discursos, confere-lhes legitimidade, atribui-se-lhes uma certa unidade de escrita.

Interessa-me, em particular, uma afirmação que se encontra nesse ensaio. Diz respeito à proximidade que Foucault estabelece entre a escrita, uma dos atributos do autor, e a morte. Diz ele, a respeito: trata-se de um tema milenar, que se reporta à antiguidade clássica greco-romana. Na epopéia greco-romana, a escrita cuidava de preservar a imortalidade dos heróis. Mas,

... a nossa cultura metamorfoseou este tema da narrativa ou da escrita destinadas a conjurar a morte; a escrita está agora ligada ao sacrifício da própria vida; apagamento voluntário que não tem de ser representado nos livros, já que se cumpre na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser a assassina de seu autor. (1984, v. 1, p.793)

Bem, penso que, a partir destas breves menções a este tema e seu ensaio, podem-se extrair conclusões: se a função do autor é produzir efeitos discursivos (de interdição e controle) e sobretudo conferir legitimidade (vale dizer, validar enunciados), o autor está então tão condenado à morte quanto o sujeito que o suporta. Não existe o autor, senão um complexo de *instaurações discursivas*, entre as quais literárias e científicas. O autor é uma ilação, que tem funções determinadas, entre as quais a de instaurar a escrita que, em nossa contemporaneidade, tem por função não a de assegurar a imortalidade, porém a de lembrar (pois é disto que se trata, a de reavivar) o sacrifício.

Em suma, é possível, no interior do pensamento foucaultiano, liberar sofrimento e a dor do sujeito/autor, seja na condição daquele sujeito

que sofre (como o sujeito do desejo), seja na condição do sujeito que faz sofrer (como o esquitejador de Damien). Assim como o sacrifício, atributo da escrita moderna, a dor e o sofrimento constituem formas de subjetividade que, em nossa contemporaneidade, parecem estar associadas, entre outras coisas, a esta forma de sociedade - a nossa - que *se justiga ruidosamente por sua hipocrisia, que promete denunciar e liberar-se dos poderes e das leis que a fazem funcionar*. Dor e sofrimento constituem portanto formas de subjetividade do sujeito do desejo, assim como do louco no espaço asilar, dos perseguidos políticos nos ainda existentes campos de concentração, dos presos nas prisões, das mulheres em seu confinamento doméstico, das crianças e adolescentes com problemas de *desvio de conduta* nos reformatórios e institutos de reparação de comportamentos, bem como das jovens adolescentes, todas elas escritoras/testemunhas da dor e do sofrimento de sua iniciação sexual, como bem sublinhou Frayse-Pereira.

E, por que não ousar ainda mais, formas de subjetividade também vividas pelos cidadãos nas academias de ginástica na busca incessante de um sujeito ideal, dos cidadãos que disciplinam o corpo milimetricamente cultuado nas clínicas de reparação cirúrgica, do sofrimento das dietas, da imposição das caminhadas diárias, dos exercícios monótonos. Não serão todas elas, cada uma a seu modo, atravessando corpos e populações, formas ora perceptíveis, ora imperceptíveis, de sofrimento anônimo e molecular?

Ao que tudo indica, o modo como Foucault adentrou a questão da dor e do sofrimento constitui, sem dúvida, um de seus mais renhidos enfrentamentos com a psicanálise. Não se trata de negar a dor e o sofrimento; não se nega a existência de indivíduos que sofrem e manifestam dor, nas mais distintas situações da vida moderna e contemporânea. A novidade de Foucault está justamente em haver dissociado estes termos - autor/sofrimento e sujeito/dor; ao fazê-lo retirou a dor e o sofrimento da interioridade do homem, este sujeito universal que compulsa permanentemente a experiência exterior e o vivência interior. Foucault parece colocar-se em dúvida diante deste sujeito que originalmente é portador de um sofrimento e de uma dor autóctones, alojadas desde sempre no *ser do próprio ser*. Em Foucault, tudo indica que dor e sofrimento são práticas discursivas e não discursivas que remetem a relações determinadas, em uma cultura, entre "campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade" (Foucault, 1984a, v. 2I, p. 10).

Sufrimento, forma de opressão

Dado o caráter absolutamente ensaísta e preliminar desta reflexão, não há muito o que concluir. Seria preciso uma imersão mais acurada nos textos para descobrir outros achados e certamente oferecer um texto metodologicamente mais cuidadoso do que este. Gostaria, finalmente, de avançar um pouco mais, levantando, ainda que um pouco desajeitadamente, uma hipótese.

Conquanto eu ainda não tenha sido inteiramente convincente em meus argumentos, creio que se deva enveredar por um outro caminho, justamente o proposto por Foucault em suas análises da genealogia do poder moderno. Conquanto eu tenha me inclinado algo nesta direção, não concentrei a atenção e sequer busquei aprofundar o modo pelo qual Foucault - contrastando inclusive com a teoria política clássica e contemporânea - trata da questão da dominação e da sujeição na sociedade moderna. Em um dos capítulos que compõem a coletânea *Microfísica do Poder* (1979), ele sugere que a sociedade moderna deslocou o problema da dominação em direção do problema da sujeição.¹⁶ Para ele, o problema da dominação remete ao clássico problema da dominação de classe, ao eixo ordem/obediência, às hierarquias onde uns comandam e outros são comandados. Já, o problema da sujeição remete à problemática da constituição de subjetividades assujeitadas. Não se trata de negar a existência daqueles que comandam e daqueles que obedecem, porém situar essa configuração (para empregar aqui um conceito de Elias, 1990) no contexto do regime de poder e verdade que faz com que todos estejam atravessados por uma rede infindável, onipresente de poder e de relações de força.

Sob esta perspectiva, o problema de Foucault é menos o problema *abstrato* da ameaça de punição, da repressão, da restrição de direitos, porém as formas infinitesimais pelas quais os indivíduos estão cotidianamente oprimidos nos mais distintos espaços de sua existência social: desde os grandes aparelhos de fabricação da dor e do sofrimento, como a fábrica, o escritório, o hospital, a prisão, a escola - com suas maquinarias próprias e incessantes - mas também, e sobretudo os pequenos e quase anônimos espaços também de fabricação da dor e o sofrimento: as sutis opressões do assédio sexual, do

¹⁶ Ver a respeito *Microfísica do poder* (1979), capítulo 121: *Soberania e Disciplina*, p. 179-191.

preconceito étnico e sexual, da ausência de qualidade de vida, do medo e insegurança das ruas, do futuro de nossas crianças e adolescentes, do destino dos velhos, do contato do cidadão com o poder e os poderosos, da permanência de violações de direitos humanos, em especial o mais importante deles - o direito à vida. Parece-me que, em Foucault, sofrimento e dor aparecem também sob a forma de opressão e sujeição, menos como sofrimento psíquico, físico ou moral *tout court*.

ADORNO, Sérgio. Pain and suffering, are they present or absent in Foucault's work? *Cadernos da FFC.* (Marília), v. 9, n. 1, 2000.

ABSTRACT: This paper explores the presence of pain and suffering in Foucault's thought. The main question it explores is whether it is possible to think pain and suffering without considering the existence of subjects, whether from the position of victims or victimizers? The paper also proposes the hypothesis that it is not pain nor suffering from the psychoanalytical approach that are the target of Foucault's interest but that it is the relationship between suffering, subjection and oppression that are his foci.

KEYWORDS: Pain and suffering; discourse and subject.

Referências Bibliográficas

- BLANCHOT, M. *Michel Foucault tel que je l'imagine*. Montpellier: Fata Morgana., 1986.
- CHAVES, E. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.
- COLOMBEL, J. *Michel Foucault: la clarté de la mort*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1994.
- DREYFUS, H. ; RABINOW, P. *Michel Foucault. un parcours philosophique*. Paris: Gallimard, 1984.
- _____. Habermas et Foucault: qu'est-ce que l'âge d'homme? *Critique*. n. 471/472, p. 857-872, août/sept. 1986.
- ERIBON, D. *Michel Foucault. uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- FONSECA, M. A. *O problema da constituição do sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Ed. da PUC/SP, 1994.
- FOUCAULT, M. Folie et déraison. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961. Versão em português: *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Naissance de la clinique: une archéologie du regard médical*, 1963. Versão em português: *O Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.
- _____. *Le mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966. Versão em português: *As Palavras e as Coisas*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes].
- _____. Michel Foucault; les mots et les choses. *Les Lettres Françaises*, n. 1125, p. 3-4, mars/avril. (*Dits et Écrits*, I, pp. 498-504), 1966a.
- _____. Entretien avec Madeleine Chapsal. *La Quinzaine Littéraire*, n. 5: 14-15, 16 mai 1966b. (*Dits et Écrits*, v. 1, p. 513-518).
- _____. L'homme est-il mort? *Arts et Loisirs*, n. 38, p. 8-9, juin 1966c. [*Dits et Écrits*, I, pp.540-544].
- _____. (1968). Foucault répond à Sartre. *La Quinzaine Littéraire*, n. 46, p. 20-22, mars 1968. (*Dits et Écrits*, p. 662-668).
- _____. Qu'est-ce qu'un auteur? *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, v. 63, n. 3, p. 73-104, juillet-septembre 1969. (*Dits et Écrits*, v 1, p. 789-842). Edição portuguesa: *O que é um autor*.
- _____. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.
- _____. *Il faut défendre la société*. Paris: Seuil, 1975. Versão em português: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Histoire de la sexualité: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976. Versão em português: *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. Qu'est-ce que les lumières? *Magazine Littéraire*, n. 207, p. 35-39, mai 1984. (*Dits et Écrits*, v. 4, p. 679-688).
- _____. What is enlightenment? In: RABINOW, P. (Ed.) *The Foucault reader*. London: Penguin Books, 1984a.
- _____. *Dits et écrits*. Édition établie sous la direction de Daniel Denfert et François Ewald. Paris: Gallimard, 1984b. 4v.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984c. v. 2.
- _____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1984d. v.3.
- FRAYSE-PEREIRA, J. A. Do império do olhar à arte de ver. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 7, n. 1/2, p. 151-162, 1995.
- GANGUILHEM, G. The death of men, or ehaustation du cogito? In: GUTTING, G. (Ed.). *The Cambridge Companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 71-91, 1994.
- GARCIA, M. R. V. Iniciação sexual entre as adolescentes brasileiras: um estudo de cartas enviadas a revistas femininas. 2000. 2v. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GUTTING, G. *Michel Foucault's archaeology of scientific reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HABERMAS, J. Une flèche dans le coeur du temps présent. *Critique*, n. 471/472, p. 794-799, août-sept. 1988.
- JAY, M. En el imperio de la mirada. Foucault y la denigración de la visión en el pensamiento francés del siglo XX. In: HOY, D. C. (Ed.). *Foucault*. Buenos Aires: Nueva Visión, p. 193-223, 1988.
- LE BLANC, G. Le conflit des modernités selon Foucault. *Magazine Littéraire*, n. 309, p. 56-60, avril 1993.
- MACHADO, R. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MARX, K. *Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte*. Paris: Éditions Sociales, 1969.
- MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MILLER, J. A. Michel Foucault et la psychanalyse. In: *Michel Foucault Philosophe. Reencontre Internationale*, Paris, 9, 10, 11 janvier 1988. Paris, 1989. p. 77-83.
- OWEN, D. *Maturity & modernity: Nietzsche, Weber, Foucault and the ambivalence of reason*. London: Routledge, 1994.
- TERNES, J. Michel Foucault e o nascimento da modernidade. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 7, n. 1/2, p. 45-52, 1995.